Portugal e Portugal

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA» — LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 134

Editor — João M. Santos

Telefone: C. 1635

A HORA DO SACRIFICIO

Na vida ou na morte, sauda Pequito Rebelo alguns dos nossos amigos que lá fóra tão belamente têm sustentado o valor da nossa raça. Na vida ou na morte nós os saudamos tambem, indo para todos os integralistas que lá se batem, purgando o pecado colectivo da Patria, a assistencia dolorida dos nossos corações na hora triste que passa sobre nós. Soldados todos duma mesma causa — a causa de Portugal redimido, que o Senhor Deus dos exercitos os envolvesse na benção larga da sua graça acolhedora! Na vida ou na morte, herois e martires, o vosso sangue tornou mais bela e mais sagrada a bandeira do Pelicano! No mudo recolhimento de saudade, d'aqui vos evocamos, amigos e companheiros da mesma cruzada, santificada mais do que nunca pela vossa bravura admiravel.

Fatal jornada

O Deus das batalhas lançou sobre nós o peso dos seus castigos; no campo da honra as nossas tropas de França tiveram de fazer aquilo que mais custa á honra,— recuar. Num longo combate de um dia, só essa na tragedia, cujas linhas se alvinham na sobriedade dos despachos telegraficos.

Laventie e Richebourg St. Vaast, povoações de ruina, passaram á posse dos artistas das ruinas, dos semiadores da morte, dos barbaros sem remissão. Prisioneiros e prezas. Uma grande retirada até ao Lys, cujas aguas mansas, fundas e frias, conheceram agora o sangue portuguez quente e vermelho. Essa longa faxa de terra que abandonámos, como a visiona familiarmente a minha saudade! Terra maldita, devastada, com silos hervageus bravas, nobres e martirisados perfis de ruinas augustas, um vago ar de incendio, de diluvio e de terremoto, e o enigma silencioso dos pantanos bem circulares, que o fossar dos morteiros abriu e onde os limos verdes começava a teimosamente a afirmar os direitos da vida. Horisonte baixo e nebuloso, profundo dentro de si mesmo, como o mistério do inimigo espreitando atraz das longas aquosas renques de truci lidas arvores. Ceus tristes com tons violaceos de virgindades torturadas; ceus picados dos rebentamentos de granadas, negros, feios, espalhando a morte poderosamente em estilhaços sibilantes, largamente, como quem abençoa; aves de guerra, destinado seus voos de orgulho, rondando sempre, e cobrindo o inimigo com relances aquilinos rajadas de metralhadoras, com seus estalidos secos e preversos, rezando a compasso dos momentos que passam em diabolico rosario de imprecações; a arte de matar na mais geometrica das disciplinas, o instante final que avança pelo espaço num plano horizontal marcado por uns leques de linhas rectas, figura geratriz da figura da morte nas suas intersecções com a vida.

De longe, difusamente, nos concavos do ceu, alongam-se em ecos eternos o arruido cavo das artilharias, som distante, leal e glorioso, e associam-se granadas em trajectorias emergentes que quasi tocam o ceu para depois se despenharem do alto como raios de Jupiter.

Orquestração grandiosa, scenario de apoteose, onde a raça portuguêsa a historia oferecia mais uma vez consagrações de gloria doirada com livros rubros de sangue. E a raça portuguêsa eu lá vi e da sua presença eu fui testemunha! E eterno me ficará na lembrança o perfil do nosso bom soldado, perfil rude e bisonho, de bom aldeão que a guerra fez guerreiro e que guarda ainda na guerra aquela infinita doçura das nossas colinas bravas; tipo etnico cheio de bondade e singeleza, mas cheio tambem de valor e de inteligencia, cheio de nobre vaidade do seu sangue e espantando os estranhos pela rapida assimilação do seu espirito!

Por lá os vi, os bons filhos da nossa terra, vagueando com um vago ar pasmado e abstracto nessa paisagem de Juizo-Final. Lá vi sua longas teorias, avançando pelas trincheiras longas como o caminho do Calvario, lucias na terra, como se á Mãe-terra reclamada tivessem que ir buscar a vida os homens na sua fatal na de morte; lá vi seus postos, com atitudes imoveis de espreita, com rugas de crispação contra o sono e contra os encantos funebres da noite; e avançando pela *terra de ninguem*, por sobre o arame farpado, lá nos seus gestos silenciosos e firmes de quem só desejaria que a noite se fizesse dia e hedionda a guerra moderna se tornasse na bela guerra antiga para que á luz do sol surgisse de novo, em temerarias avançadas, o antigo valor portuguez.

* * *

Recuar! certamente o fizemos com valor, sem vergonha, vertendo generosamente o nosso sangue!

E eu sei bem que sobre as nossas tropas pesava um vicio original de desorganização, com longas raises no passado e da responsabilidade directa daqueles maus governos que organizaram a guerra, mais como uma empreitada tumultuaria, do que como uma acção integralmente nacional, a que supunha antes de tudo a existencia de espirito militar, cuja destruição tinha sido sempre o empenho da Republica em Portugal.

Apezar de tudo fio nas qualidades esplendidas da nossa raça que a honra não foi perdida nessa tragica jornada.

Amigos que lá deixei, neste momento negro em que por lá vivo entre a tragedia de viver e a tragedia de morrer, saudades profundas, ardentes! Que vos seja grato saberdes que em vós tem postos os olhos estes portuguêses que não tiveram a sina de vos assistir nestes momentos.

Capitão Vasco de Carvalho, a minha continencia, em que atravez do gesto regulamentar transpareça bem a profunda admiração pela sua inteligencia e pela sua coragem. Meu capitão, por lhe ter assistido, eu conheço e posso atestar esse acto de nobilissima coragem que o fez desistir dum lugar com que justamente tinha sido distinguido pelo governo para ocupar no *front* o seu posto, exactamente no momento em que os grandes perigos e as gravissimas responsabilidades do comando se avisinhavam!

Alferes Anibal de Asevedo, meu valente amigo e companheiro, tu que pela tua valentia tantas probabilidades tens de ter morrido nesta acção, tu, em quem conheço a loucura bela dos herois, eu te saudo na vida ou na morte!

A ti, que entre duas visitas ao Ducks Bill me falavas petulantemente de Augusto Comte e junto do Cristo Augusto de Neuve-Chapelle me falavas tristemente da tua irreligião com inveja da minha religião e nas pregas da bandeira do Pelicano laxçada bem avante, visionaste comigo uma simbolica es crança de patriotismo, eu te saúlo na sinceridade da tua inteligencia, na inquietação sincera do teu espirito religioso, na fortaleza do teu integralismo.

Eu te saúlo na vida ou na morte, na morte em Deus que é misericordioso para os que procuram a sua fé, ou na vida por Deus se o Cristo de Neuve Chapelle ouviu a oração que por ti fiz, e te guardou nos perigos.

José A. P. Rebello.

NUN'ALVARES

Como soldado um Santo se incarnara
No belicoso sangue português;
Da velha Raça, a arvore preclara
Deu uma branca flôr mais uma vez.

Quiz Deus salvar o Reyno que fundara,
Mandou-lhe Alguem, que á sua imagem, fez:
Alma sem mancha como a pedra d'ara,
Braço mais forte e rijo que um arnez!

De noyo, hoje que a Patria está em perigo,
Resuscite o Nun'Alvares antigo,
E entre a fé christianissima da Grey

Como outrora, num grito formidavel.
O Povo em massa aclame o Condestavel
E Ele, em nome de Deus, aclame o Rey!

Alberto de Monsaraz.
Conde de Monsaraz.

MUSEU ANGLOFILO

IV

Leote do Rego

Cabe agora a vez ao *talassa* sr. Leote do Rego, franquista até ao 5 de outubro, e democratico desde a Rotunda para cá. Já aqui se disse uma vez que *talassa* era um homem de convicções rudaveis. O sr. Leote do Rego arrepelou-se e chorou quando do barbaro assassino do rei D. Carlos; o sr. Leote do Rego indicou os portões dos navios de guerra para os regicidas barbaros; o sr. Leote do Rego poeu se por irem celebrar ao cemiterio os assassinos de um grande rei; o sr. Leote do Rego indignou-se por, nos teatros, á vista e aos ouvidos dos estrangeiros, se patear o hino nacional, que era então o hino da *Carta*. Isto foi ontem. Hoje mudou. Hoje não vê senão o sr. Bernardino Gumarães, o seu brazileiro, a cumprimentar, a rir e a mentir.

Mas é, honra e justiça lhe sejam feitas, um anglofilo ardente. Como anglofilo disse estas coisas abominaveis sobre o Kaiser, numa conferencia em Coimbra:

«... O grande Guilherme, *esse prodigioso soberano*, incarção viva da patria alemã, o maior de todos os alemães, ao mesmo tempo que é ferveroso apostolo da paz universal, tem o maior orgulho de ser o principe fidalgo do grande, do extraordinario poder militar do seu paiz.

A situação maritima da Alemanha é já tão formidavel, excede de tal maneira todas as previsões, **que já hoje pode lançar-se e com todas as probabilidades de exito na conquista da supremacia n val**; alcançou já uma tão brilhante posição no mundo maritimo que, como diz o sr. Chaumet, é esse grande paiz que de facto, dirige presentemente o movimento naval de todo o mundo, que o sugestiona; devendo por isso ser considerado já como a marinha unidade, a marinha tipo a que todas as outras teem de referir-se.»

As palavras do sr. Leote do Rego, ditas em Coimbra, na noite de 19 de abril de 1910, foram repro luzidas no volume 57.º, n.º 4, do *Instituto*. As palavras aqui reproduzidas podem encontrar-se pois nesse numero 4 do volume 57.º do *Instituto* a paginas 119, 120 e 208.

As frases de admiração exagerada pelo Kaiser, servirão para um estudo mais completo da psicologia do sr. Leote do Rego que, em 1916, com gestos quixotescos foi desarmar os navios alemães, surtos no Tejo que, por sinal, não estavam armados... o que vem provar mais uma vez a *valentia* do sr. Leote do Rego que disse um dia, no parlamento, que os monarquicos deviam ser assassinados pelas costas...

Nota politica

Um periodo de acalmia parece ter sucedido á tempestade alterosa de boatos, desde domingo ultimo desencadeada sobre Lisboa. Já se não fala em revolução, é maravilha das maravilhas! e os medrosos começam outra vez a fazer com toda a regularidade as quatro ou cinco digestões com as quaes costumam honrar o dia util: já as mães de familia, pobres creaturinhas que desde tempos immemoriais andam apertando contra o seio os filhos, apavoradas com a perspectiva— e ás vezes dura realidade, santo Deus!—do terribil som do canhoneio com o qual os revolucionarios de profissão lhes trom eteiam aos ouvidos, já as mães deitam no berço os chorosos rebentos e lhes cantam, p'ró adormecer, que o papão democratico se foi embora... De certos *babes* sei eu que, aborrecidos e encanzinados a valer com as tenções malévolas dos Costas, Almeidas e Camachos, contra elas protestaram ruidosa e exuberantemente: a questão por esse lado parece comtudo sanada: é mais um borrão a alastrar sobre a historia da republica, facto esse que de resto lhe não desfoará da côr das paginas...

Quanto ás santas creaturas que amam ardentemente a zaragata e que, em nome das três palavras emblematicas da democracia, esperavam anciosas ver de novo as postas e regos de sangue fratricida acularem a tunica da cidade, essas, perante a inesperada acalmia, arrepelam a nojosa gadelha e dizem mal da sua triste sorte: foi-se-lhes, dizem, a doce esperança de assistirem em este Coliseu Romano que é a cidade de marmore e granito, aqueles espetaculos onde cristãos pereciam estrancinhados pela dentuça dilacerante das féras... Tão cedo—que tremendo golpe nas suas aspirações artisticas... e monetarias! tão cedo não poderão ouvir da boca do bacamarte as trêa mentiras da liberdade, da egualdade e da fraternidade!...

Mas, ó rotundos cidadãos cujo bolo alimentar já seguia os tramites devidos; ó mães que pondes o néné a fazer ó ó e o julgaes dissuadido de novos protestos bocagianos; ó gadelhudos amantes da santa democracia! engasgae-vos uns, estarrecei-vos outros, refubilem d'esperança os ultimos! Quando o cão ladra não morde: quando se cala é dentada pela certa! E agora, que os dogues revolucionarios deixaram de ladrar, agora é que são elas!... Isto de ordem nas democracias é a maior das cantigas: da desordem organisada que republica se chama, jámais poderão subir o socego, o repouso, a ordem enfim. O mais que poderá suceder é termos compassos de espera até novas manifestações de bombo! Nas democracias o Zé Pereira tocado na lombeira do cidadão, constitue sempre a peça de resistencia das filarmonicas politicas.

Socegou a boataria? Oh c'os diabos! então não tarda ahi a zaragata...

Palavras dum teologo

Figura do mais alto relevo, o sr. doutor Bernardo de Madureira, lente da extinta Faculdade de Teologia, é pela sua virtude e pelo seu claro espirito um nome de superior destaque no clero português. Teólogo consumadissimo e padre exemplar, alia á dignidade duma alma eminentemente sacerdotal, uma forte cultura filosofica a que não é alheio o gosto pelas bôas-letras. Ha do sr. doutor Bernardo de Madureira impresso um poema,—*Sol de Aquino*, sobre o grande Doutor Angelico. Nesse livro, em apendice, leiem-se alguns sonetos, em que o seu autor pratica com nobreza e sobriedade o exercicio dificil do Ritmo.

Pois lá de longe, da sua casa natal, o sr. doutor Bernardo de Madureira vem ao nosso encontro com palavras que são na marcha do nosso movimento uma das suas melhores compensações. Quereriamos reproduzir aqui integralmente a carta que S. Ex.ª dirigiu ao nosso prezado director, associando-se ao banquete de 9 de março. Mas ela é tão excessiva de bondade nas referencias pessoaes que dispensa a alguns dos que trabalham nesta casa, que mal nos ficaria, se os produzissemos nas columnas de *A Monarquia*. Recortamos dela, com a venia devida, aquelas admiraveis palavras com que o sr. dr. Bernardo de Madureira define a essencia profundamente catolica da nossa doutrina.

Diz o ilustre professor, referindo-se ao nosso banquete:—«*E, caso extranho, chegou até mim uma das saudações ahi feitas:—a do doutor Ruy Ulrich, ao dizer que brindava por todos aquelles que exercem a propaganda no livro, no jornal, até nas simples conversas. Pois bem: contem-me no numero dos ultimos, já que mais não posso. Com efeito, o integralismo alastra, entra em todas as conversas e penetra em todos os espiritos; o que é mais e melhor.*

O seu ponto fundamental,—o anti-parlamentarismo,—continua o senhor doutor Bernardo da Madureira—,«*é abraçado por quantos conhecem o que tem dado o parlamento monarquico e republicano. E' o que se ouve aos proprios politicos. Os principios do nosso sistema governativo, que em boa hora lançastes aos quatros ventos, a cada passo são memorados e esclarecidos, até por aqueles que os não perfilham explicitamente. Lê meu caro Alberto, estas palavras do artigo de fundo do magnifico e desassombrado jornal* «A Patria»! «Queremos ver uma Monarchia que tenha por esteios as competencias e valores reaes e que acabe d'uma vez para todo o sempre com o caciquismo que tem sido causa determinante de toda a nossa desventura. Somos monarquicos porque desejamos ver implantado um sistema politico que tenha por base as nossas tradições e que seja a combinação do nosso passado.» *Ora, os nossas tradições e o nosso passado não se circunscrevem a 80 anos de vida politica.*»

E em seguida ás mais desvanecedoras alusões a alguns dos nossos camaradas, que por um sentimento natural omitimos, o senhor doutor Bernardo de Madureira prosegue nos termos seguintes:— **«Em politica, pois, seguir na esteira do Integralismo é o oprio de um catholico. E' onde quero chegar.** A Egreja, «**sociedade espiritual perfeitamente organizada, representante de direitos e deveres da consciencia christã, tem de mover-se dentro d'um regimen politico, seja elle qual fôr. Ora, todo o regimen que no seu programa inscrever expressamente a justa liberdade e garantia de seus movimentos, é esse o que a Egreja prefere, que o catholico abraça. Só conhaço um — o Integralismo. O homem tem tanto direito ao respeito pelas suas boas acções, como cidadão, como o tem ao respeito pelas manifestações da sua consciencia religiosa, como catholico. O Estado, que houver de atender ao homem integro, não deve negar-lhe a permissão e a defeza da sua crença.**

A monarquia integralista, longe de isolar o homem e a sociedade do principio religioso, acata-o e considera-o como elemento preponderante na vida de oração. Reputa o influxo de religião catholica, expressão do christianismo puro e completo, como o melhor auxilio do governo do povo. Sem moragiração, não ha governo possivel, e sem consciencia religiosa, não ha mogireção capaz. Estes principios viu-os intuitivamente o Integralismo e assentou-os em seu programa. Neste, a separação da Egreja do Estado, quando venha a dar-se por boas razões, não significa indiferentismo, e muito ainda expolição, mas sim a racional independencia dos dois poderes na respectiva esphera de suas acções. Amam-se, auxiliam-se, como duas forças que encaminham a sociedade ao seu glorioso destino.

Numa palavra, o Integralismo **mete a religião na politica,** o Liberalismo **mete a politica na religião, fazendo-a se vir na pessoa dos seus representantes** a **luta partidarios, dando ou tirando, conforme a estes convinha. Ora, no** Integralismo **não ha partidos. Ha um só, que é a** o **da Nação ao qual pertencem todos os competentes para governar-la com o seu Rei, —porque o Rei governa.**»

E o sr. doutor Bernardo de Madureira remata autor a sua preciosissima carta:— «O Integralismo é **sistema politico em perfeita equação com os sentimentos monarquicos e catolicos do paiz. Terá de disputar na sua altura. Se pelos meus annos, que não pela minha autoridade, que fora licito aconselhar-vos, dir-nos-ia que nas vossas dissenções não percais de vista o lema de Santo Agostinho**: —*diligite omnes, interficite errores.*

E' precisamente pela grande e indiscutivel autoridade do sr. doutor Bernardo de Madureira que as suas reflexões constituem para nós a mais bela das recompensas. Elas ilibam o nosso movimento de quanto equivoco se tem desenhado á sua volta debuixo do ponto de vista da sua sinceridade religiosa e consagram a nossa obra apaixonadamente nacionalista. Dia de festa em *A Monarquia*! Aceite o ilustre professor e teólogo a nossas homenagens e creia que nos esforçaremos sempre por ser dignos da sua confiança e dos seus nobilissimos estimulos!

NOVIDADE LITERARIA

"Ana Maria,,

Peça em um acto
por
HIPOLITO RAPOSO
A' venda em todas as livrarias
Preço - 300 réis

Venda da flôr

Pede-se a todas as senhoras que não compareceram na Loja Naval ou que, comparecendo, não se inscreveram nas listas das Chefes que ali se organisaram, o favor de mandarem os seus nomes para ali serem inscritas cujos grupos ainda não estão completos:

D. Julia Serpa O'Neill, rua dos Fogões, cuja zona é largo do Intendente, rua da Palma, praça da Figueira, ponto de reunião rua da Palma, 268, á 1 hora, côr azul.

D. Luiza de Almeida Cabral, Poço Novo, 55, zona Xabregas, Poço do Bispo e Caminho de Ferro, ponto de reunião meio dia e meia hora no Poço Novo, 55, côr preta e côr de rosa.

D. Isabel de Sousa Holstein, rua das Janelas Verdes, Santos, Côtes, Conde Barão.

D. Martha Ayres, rua de S. João da Mata, 142, zona Pelourinho, Terreiro do Paço, Afandega até ao Campo das Cebolas.

Condessa de Rastello, rua Direita de Belem, Bom Successo até ao alinho.

Todas as senhoras que se não apresentarem munidas de braçadeiras fornecidas pela comissão não serão consideradas como pertencentes á venda da flôr, nem a comissão toma a responsabilidade do destino ou aplicação das quantias que angariam.

Por alma dos nossos soldados

Na proxima quinta-feira, pelas onze horas da manhã, na Igreja dos Martires, celebrará missa pelos soldados portuguêses, mortos em campanha, o rev. Avelino de Figueiredo, que fará uma alocução.

São convidados todos os nossos amigos para assistir a este piedoso acto.

Nun'Alvares

Com a devida venia transcrevemos hoje, na *Monarquia*, o soneto que com o titulo acima, o nosso querido director sr. conde de Monsaraz, publicou em o nosso prezado camarada *Gazeta do Limo*.

P.e Avelino de Figueiredo

Foi hoje apresentar-se ao quartel general territorial o nosso presado amigo sr. P.e Avelino de Figueiredo, para desistir da sua licença e regressar ao *front*. Boa viagem para obter a permissão da partida de mais oito nossos capelães.

E' mais um acto que nobilita a acção deste nosso amigo, que sempre se tem revelado como digno português e catolico conscienciosos.

Nova gazeta

Annunciam para breve o apparecimento de uma nova gazeta republicana que se propõe a defender a republica velha.

Para a sua redação juntam-se republicanos de todas as cores politicas, que depois de se terem injuriado mutuamente e concordado que todos tinham razão, confraternisam.

Vão fazer o que deviam fazer de ha muito, se não mente o proverbio que diz que a agua corre para a agua...

Ler na 2.ª pagina:—Conflagração europea, Revista da imprensa e divertimento no ciario

Banco de Portugal

Por falta de numero não se reuniu esta tarde a assembleia geral extraordinaria do Banco de Portugal para tratar das bases da reforma de contracto entre aquela casa bancaria e o governo.

A proxima assembleia ficou marcada para o dia 27 do corrente.

Contra a guerra

A «COMPANHI GARANTIA» effectua sagaros de GUERRA bem como contra TUMULTOS e GREVES. Agencia: José Henrique Tota & C.ª, banqueiros R. Aurea, 69 a 75. Telef. n. 1589-C.

Aspectos politicos

A proposito de uma carta do senhor Raul Proença

O conhecido publicista republicano sr. Raul Proença de quem ultimamente aqui temos transcrito a sua analise precisa da vida republicana no nosso paiz, intitulada «Situação politica» e ha tempo publicada, fez ontem inserir nalguns jornaes republicanos da manhã uma carta em que começando por declarar ter-lhe sido chamada a sua atenção para os nossos numeros de 6 e 9 do corrente, propõe-se de seguida acentuar que aquele seu artigo fôra escrito já ha muito tempo e não durante a presente situação politica.

Na verdade, a explicação seria porventura escusada porquanto ao transcrevel-o declarava-se bem expressamente que o seu artigo fora escrito em tempos, e que se tal fazia mos era porque a nosso ver, semelhante critica da vida do regimen era duma extranha e flagrante opportunidade aplicada ao espaço de tempo a que presidiram os governos truculentos do que convencionalmente se chamou por ahi «União sagrada».

Mas se a sua carta, como explicação era escusada, nem por isso redunda no inutil; e porque temos pelo auctor a consideração que é devida ao talento nos abalançamos a analisa-la detalhadamente para de seguida tirar-mos certas conclusões logicas.

Antes de mais nada, já que estamos em maré de esclarecimentos permita-nos o sr. Raul Proença que por nossa vez retifiquemos.

Ao contrario do que, certamente por lapso, diz na sua carta, o artigo transcrito não foi publicado em 1911, mas sim em 5 de Fevereiro de 1912 e se bem que incriminando a ação dissolvente do governo provisorio atacava ainda a situação politica de então, em que a desordem e a anarquia lhe pareciam, terem atingido o «seu ápice».

Adiante.

O sr. Raul Proença pretendendo piedosamente lançar um cabo aos miseraveis farrapos humanos que ainda sobrenadam no mar proceloso do regimen ainda os afunda mais. Se o mar é tão traiçoeiro...

«Ao contrario do que se poderia deduzir, não das minhas palavras, mas da attitude d'*A Monarquia* para comigo—escreve o sr. Raul Proença—entendo que é agora necessaria a *união* de todos os republicanos para fazermos a verdadeira